
As estátuas portuguesas, em exposição aguardando por um museu, no forte de Cacheu. Visita a Guiné-Bissau e ao Memorial da escravatura e tráfico negreiro de Cacheu

*The Portuguese Statues, Awaiting a Museum, on the Cacheu Fort
Visit to Guinea-Bissau and the Memorial of Slavery and Slave Trade in Cacheu*

Paulo Tiago Cabeça.

Doutorando em história de arte. Colaborador do Centro História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) e da Cátedra UNESCO de Património imaterial e saber-fazer tradicional, da Universidade de Évora, Portugal
tgcabeca@uevora.pt

Consultado a 18 janeiro de 2024. Disponível em: <https://memorialcacheu.org>

Localização em <https://maps.app.goo.gl/MhRphEDDy8Hf3ivVA>

Palavras-chave: Estatuária, Estado Novo, Guiné-Bissau, Escravatura, Cacheu.

PhD Candidate in Art History. Collaborator at the Centre for Art History and Artistic Research (CHAIA) and the UNESCO Chair on Intangible Heritage and Traditional Know-How: Linking Heritage, at the University of Évora. tgcabeca@uevora.pt

Accessed on January 18, 2024. Available at: <https://memorialcacheu.org>

Location: <https://maps.app.goo.gl/MhRphEDDy8Hf3ivVA>

Keywords: Statues, Estado Novo, Guinea-Bissau, Slavery, Cacheu.

Domingo 12 novembro 2023 deslocámo-nos em duas viaturas todo terreno da capital Bissau para Cacheu, a caminho do Memorial da Escravatura e Tráfico Nегreiro de logo pelas 9h da manhã. Numa delas seguia todo o material que nos acompanhou para a estadia de três dias, nomeadamente uma ventoinha, um Data Show, máquina fotográfica digital, e um enorme carregamento de garrafas e sacos (foto 1) de água potável, para consumo pois que no local não existe saneamento básico ou água corrente. Igualmente nos acompanhavam vários jerricans de gasóleo pois não há eletricidade no memorial e o abastecimento seria desta forma garantido e racionado com um gerador

que ligam entre as 19h e as 6h da manhã quer para o funcionamento das ventoinhas para afastar mosquitos quer para carregamento dos telemóveis. No outro carro além do coordenador do projeto uma enfermeira, em missão na Guiné-Bissau, uma médica obstetra e um doutorando de medicina, que igualmente estavam em missão em Bissau e pretenderam assim conhecer, nesse domingo, a cidade de Cacheu. A temperatura logo de manhã ultrapassa os 30°C e a humidade é sempre superior a 80%. O que faz com que só seja confortável estar ou dentro de casa ou no carro com ar condicionado ligado. De outra forma estamos permanentemente a transpirar e qualquer caminhada ou



Foto 1. Saco de água potável.



Foto 2. Rua do Memorial com o edifício do museu à direita.

esforço físico por pequeno que seja torna-se bastante penoso. A distância de Bissau a Cacheu é de cerca 120km, aproximadamente duas horas, e as estradas logo depois de sair das imediações de Bissau são pedaços de alcatrão cheios de crateras enormes, comidas pelas chuvas, por vezes vários quilómetros em terra batida, que não permitem que nos desloquemos com segurança acima dos 60/70 km/h reduzindo quase à imobilidade para atravessar alguns dos maiores buracos. Frequentemente os carros cruzam-se em contramão pois todos se desviam destes obstáculos como podem.

Tabancas

Ao longo da estrada podem ver-se habitações grandes, umas de adobe, outras de capim, outras de tijolo, redondas ou retangulares, umas com telhado de caniços, outras de chapa de zinco, e nas suas imediações mulheres, crianças ou homens em afazeres vários ou simplesmente sentados a ver passar os carros. Muitos vendem artigos à beira da estrada: cocos, fruta pão, cajus das árvores que acompanham a estrada, ou ratazanas do campo, do tamanho de gatos e já limpas de tripas, que nos mostram e oferecem segurando pela cauda. O número de pessoas e sobretudo de crianças,

muitas vezes quase nuas e descalças, parece sempre muito superior ao de habitações visíveis disponíveis. Mais tarde viemos a saber que as tabancas (aldeias) (Foto 10) ficam de facto quase invisíveis no meio do mato, afastadas da estrada e algumas são de dimensões consideráveis com dezenas ou centenas de pessoas. Apesar disso na beira da estrada raramente existe uma placa que indique uma tabanca próxima e nem sequer o acesso a esta o torna óbvio, pois muitas vezes é uma simples vereda, de chão pisado no mato, onde não conseguiria passar um automóvel. Nenhumas terão saneamento básico ou água canalizada. Aparentemente são servidas por latrinas nas traseiras e a água é obtida de poços ou furos. Isso, segundo o técnico que nos acompanhou em missão, é um dos graves problemas de saúde pública na Guiné-Bissau, pois as escorrências subterrâneas das primeiras contaminam invariavelmente as segundas e se os locais já resistem um pouco mais a esta falta de higiene, os ocasionais visitantes nomeadamente ocidentais, podem contrair graves disenterias ou maleitas piores simplesmente por lavarem as mãos e inadvertidamente contaminarem a boca. Ou seja, lavar as mãos com água e sabão não é garantia de salubridade.



Foto 3. Entrada Principal do memorial da escravatura e tráfico negreiro de Cacheu. Guiné-Bissau.

Precariedade de mulheres e crianças

A enfermeira e a obstetra relataram casos dos hospitais. Muitos homens têm várias mulheres, não apenas os de crença muçulmana, e todas as mulheres invariavelmente têm vários filhos. Os hospitais muitas vezes não possuem medicamentos, equipamento ou mão de obra suficiente pelo que existem casos de mulheres, mas também de crianças, abandonadas à sua sorte. Ambas as profissionais referiram mesmo que “na Guiné-Bissau todos os que sobrevivem até à idade adulta são geneticamente os mais fortes, autênticos super-homens e supermulheres”. As especialistas relataram que a mortalidade materno infantil tem vindo a diminuir, com a esperança de vida à nascença a aumentar¹ dos 43 anos de 1980, para os atuais 59 em 2021, nos últimos anos, graças também à intervenção nomeadamente de ONGs e outras instituições, mas que casos de crianças doentes ou acidentadas, como as que as profissionais terão visto

queimadas, que choravam sem assistência no hospital de Bissau, serão frequentes. Igualmente os nascidos de aparência frágil ou doente, muitas vezes são simplesmente abandonados pelos pais no hospital, relataram, porque os pais “têm mais filhos”. Muitas destas crianças, afirmaram a enfermeira e a médica, vão desfalecendo sozinhas perante a indiferença de todos “até se apagarem”. “Somos nós que compramos os remédios muitas das vezes”, asseguraram. Guiné-Bissau é um país onde, embora legalmente proibida, também a mutilação genital feminina é culturalmente praticada de forma bastante extensiva e até estará a aumentar, com mais de 50% das mulheres e crianças vítimas desta prática secular².

Memorial da Escravatura e do Tráfico Negroiro de Cacheu

Chegámos pelas 12h ao Memorial da escravatura e do tráfico negreiro de Cacheu (METNC) (Foto 3), um museu/

1 - Guiné-Bissau - Esperança de vida ao nascer. Consultado a 11 janeiro de 2024. Disponível em <https://pt.countryeconomy.com/demografia/esperanca-vida/guine-bissau>

2 - Cajucam, Casimiro. 2019. Guiné-Bissau - Aumento de casos de mutilação genital feminina. Rádio Sol Mansi, Bissau. In: Vatican News. Consultado a 11 janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2022-04/guine-bissau-aumento-de-casos-de-mutilacao-genital-feminina.html>



Foto 4 e 5 – Respetivamente da esquerda para a direita Albertina e Angelique (ambas Manjaco). Duas formandas no Memorial da Escravatura e Tráfico Negroiro de Cacheu.

centro interpretativo recuperado em 2016 a partir das antigas instalações do edifício negroiro, com fundos da europa comunitária e que segundo responsáveis da Guiné-Bissau presentemente será o único museu aberto e em funcionamento no país. Como a maior parte dos edifícios e apesar de ter sido recuperado há poucos anos o edifício está bastante marcado pela quente humidade do clima, com as características manchas negras do bolor por todas as paredes.

Na Guiné-Bissau atualmente com cerca de milhão e meio de habitantes existem aproximadamente 30 povos ou grupos étnicos diferentes, cada qual com características distintas culturais, familiares e sociais. Os principais grupos étnicos

da Guiné-Bissau são os Balantas (27%), os Fulas (23%), os Mandingas (12%), os Manjacos (11%) e os Papéis (10%)³. A característica mais vincada, ao comum visitante, em relação a outros países dos PALOP africanos é que na Guiné-Bissau os negros são muito negros. As mulheres (Foto 4 e 5) apesar de caracteristicamente em África serem submissas em relação ao homem, guardam aqui um certo olhar de orgulho e desafio, inquisidoras e curiosas. Sobre a marcada diferença de cor de pele já Gomes Eanes de Zurara, na crónica do descobrimento e conquista da Guiné refere em 1453:

Esta gente desta terra verde é toda negra e por isso é chamada terra de negros ou terra da Guiné por cujo azo os homens e as mulheres dela são chamados de Guinéus que quer dizer o mesmo que negros.⁴

3 - Porto Editora – Guiné-Bissau na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-02-15 12:52:14]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$guine-bissau](https://www.infopedia.pt/$guine-bissau)

4 - Catálogo. 2016. Memorial da escravatura e do tráfico negroiro. Cacheu. Guiné-Bissau. CPLP. Edição Acção para o desenvolvimento. Consultado a 15 fevereiro de 2024. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/615877224/Catalogo-Memorial-Escravatura>

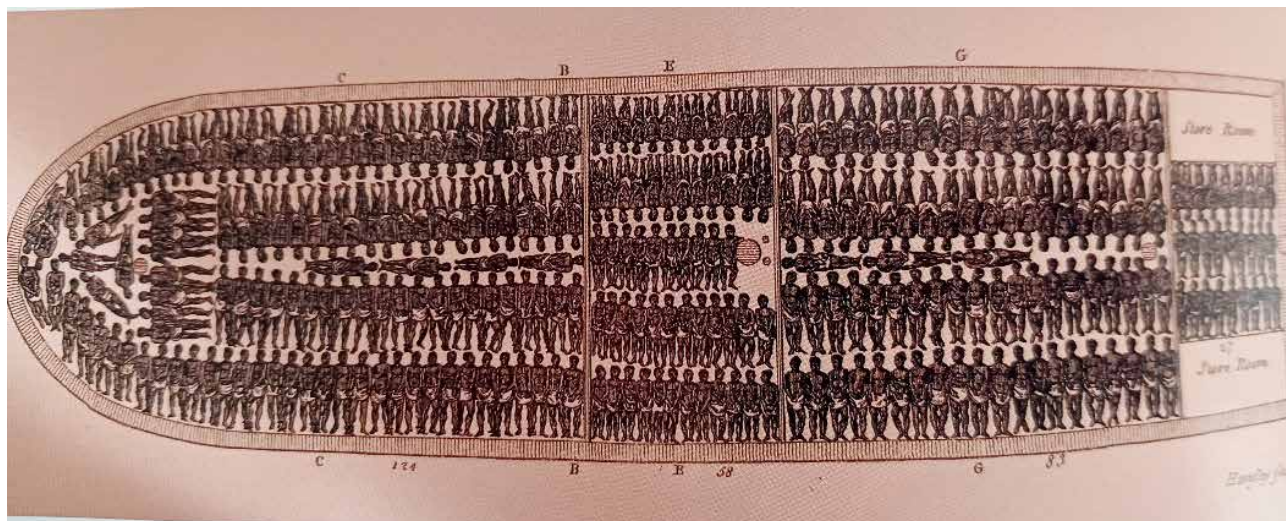


Foto 6. Diagrama de navio negreiro de transporte de escravos. 1787. (Idem, p.24)

No entanto é sabido que as rivalidades entre algumas destas etnias são antigas. Chegaram a ser utilizadas, estas animosidades, pelo colonialismo português como auxiliar na sua dominação e exploração, nomeadamente no comércio de escravos (PAIGC. 1974). Nesta geografia subsariana a conflitualidade e a revolta civil mesmo entre etnias foram sempre frequentes. Disso dá mostra igualmente a própria arquitetura do pequeno forte de Cacheu (Foto 8), cuja construção ocorreu por volta de 1669 (Catálogo. 2016) a trezentos metros do Memorial da Escravatura, onde as bocas canhoneiras (Foto 9) igualmente se encontram voltadas para a foz do rio e para terra, denunciando frequentes cercos, quer de potencias navegadoras rivais, quer de assaltos de nativos locais.

A escravatura e o crioulo

Cacheu tornar-se-ia um dos mais importantes entrepostos de captura e comercio do cruel tráfico negreiro, da áfrica

ocidental, que a partir de 1500 e nos séculos seguintes, numa verdadeira globalização de horror, encaminhará (Foto 7) sobretudo para as américas, mas também para a europa, milhões de seres humanos, homens, mulheres e crianças em condições de absoluta e total desumanidade. A bordo dos navios negreiros seres humanos eram transportados durante meses em espaços confinados sem ar respirável, água ou comida, entre dejetos e vomitado, doença, violação e agressão. Muitos, já sem condições de serem comercializados eram simplesmente jogados borda fora nos trajetos e as eventuais revoltas, que sucederam também, liminarmente esmagadas com tortura e morte.

Em áfrica a escravização dos homens era uma realidade à chegada dos europeus. Etnias diferentes guerreavam entre si e vencedores faziam escravos dos vencidos. As habitações

Balanta Felupe, por exemplo, eram no seu interior “mais labirintos que casas. “E fazem nas desta maneira por causa de uma nação de negros chamados Bijagós (...) os quais têm continuamente guerra com estes (...) fazendo muitas presas”⁵. Entendendo-se “presas” também por escravos. As habitações em causa (Foto 10) tinham inclusivamente um compartimento secreto dissimulado onde os habitantes se escondiam durante as incursões inimigas, tentando evitar assim a morte ou a escravidão. “Existiam redes transafricanas que abasteciam de escravos muitos potentados africanos e longínquos mercados como os mediterrânicos, da Península Árábica e do subcontinente indiano até à China através

do Oceano Índico” (Catálogo. 2016, p19). Tornando as guerras “santas” e a pretexto também de salvar as almas dos gentios, legitimava-se a captura e escravidão de idólatras. Gradualmente a escravatura tornou-se uma condição específica e exclusiva dos africanos negros. A chegada dos europeus não introduzindo a escravatura alterou, no entanto, significativamente os equilíbrios políticos, as rotas comerciais, mas sobretudo alargou substancialmente a procura de escravos. Muitas das incursões pelo interior africano, levadas a cabo pelos europeus e onde os escravos eram também marcados a fogo, eram executadas por chefes locais que obtinham assim cavalos, quinquilharias, tecidos,

5 - Ibidem, p. 16

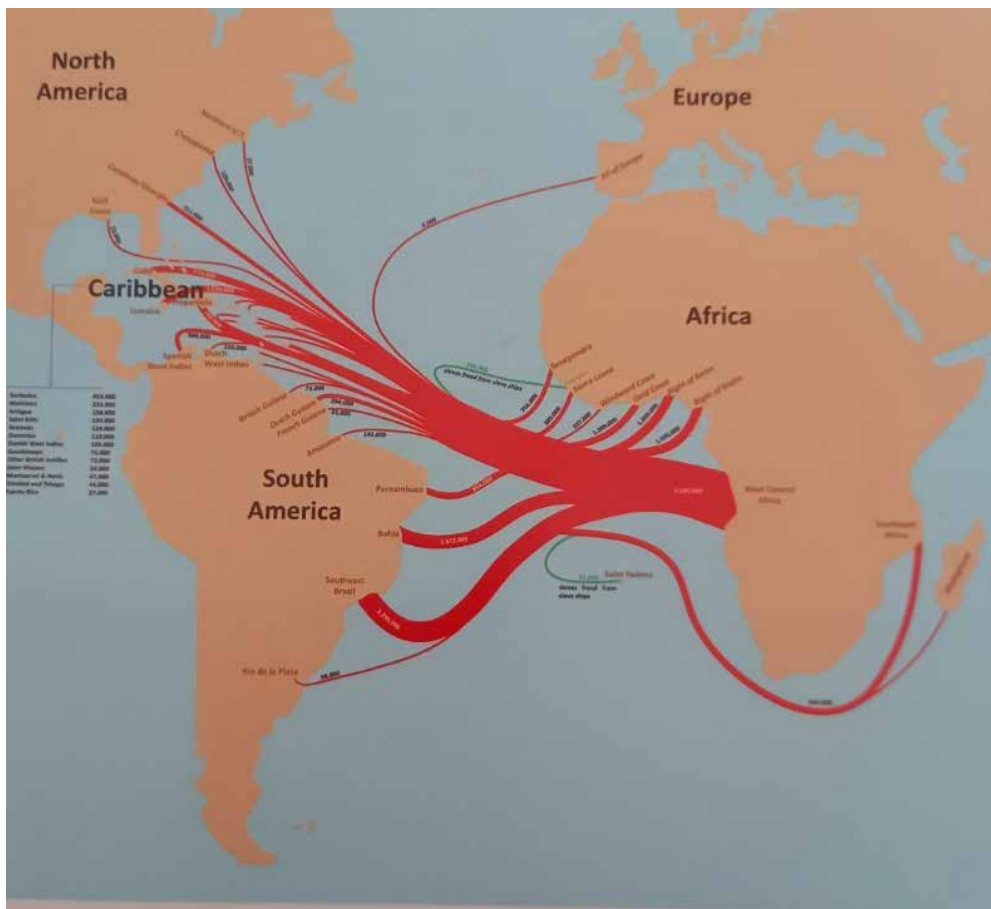


Foto 7. Fluxos da escravatura africana entre 1501 e 1867. Atlas of the Transatlantic Slave Trade, Eltis e Richardson, 2010. In: Catálogo (2016, p.31)



Foto 8. Fachada sul do Forte de Cacheu com peça de artilharia a espreitar na ameia ao fundo voltada para terra.



Fig. 9. Canhão português no forte de Cacheu, voltado para o rio.



Foto 10. Habitação do tipo Felupe na tabanca "Beroto", Cacheu. Informação de nome de localidade que o autor agradece à formanda do METNC Amélia Manga.

As estátuas de Cacheu

Correia (2019) referindo-se à transformação e recuperação pelo estado novo na metrópole do património edificado afirma que “Os monumentos se constituíram, assim, documentos privilegiados na (re)definição da imagem de Portugal, mas, igualmente, veículos superiores da afirmação de uma estratégia ideológica global (...) teve por propósito último a reidentificação do ser colectivo”.

As chamadas *Praças do Império* identificam-se pelas “estruturas urbanas de representação do poder político estado-novista (...) disseminadas pelas cidades africanas de colonização portuguesa (...) a estratégia seria implementar um programa iconográfico de celebração da presença colonial através da colocação de arte pública e estatuária em pontos fulcrais” (Milheiro. 2014).

Também nesta lógica a afirmação do poder da potência colonizadora se expressava assim não apenas pela sua estrutura urbana, mas igualmente pela estatuária que a coroava, dispersa pelas colónias. Na Guiné-Bissau, tal como noutras latitudes, existiram obras do regime na forma de estátuas, que glorificavam os feitos e façanhas das descobertas, numa visão romantizada e exaltada do nacionalismo lusitano.

Grande parte da arte pública do Estado Novo compreendia monumentos e estátuas destinados a mostrar ao povo determinadas passagens ou personagens representativas da história nacional (Elias. 2007). O modernismo foi imposto como estilo oficial do regime por António Ferro (1895-1956), ideólogo da arte do Estado Novo. A sociedade, maioritariamente rural e analfabeta, criou as condições para que a escultura ganhasse protagonismo como veículo de propaganda de um Estado de pendor nacionalista:

Este modernismo domesticado –nos seus termos um paradoxo –encontrou condições para se impor através da vasta campanha de obras públicas lançada por Salazar (1889-1970), a partir dos anos 30, que manteve até ao estertor do

regime. Por todo o território nacional, incluindo as colónias, surge, em monumentos, estátuas ou programas decorativos de edifícios públicos, a fixação em pedra ou bronze de personalidades da história de Portugal, com particular destaque para os heróis do período dos Descobrimentos, mas também escritores, poetas ou figuras religiosas. Uma estratégia de poder repetida em outros regimes totalitários da Europa e que ficou conhecida em Portugal como a Política do Espírito. Epítome dessa estratégia, a Exposição do Mundo Português, de 1940, glorificava a singularidade da ação dos portugueses no mundo, celebrando a paz num período em que a guerra assolava todo o continente europeu.⁶

À luz do contexto que explicámos anteriormente torna-se evidente que estas imagens representam para os locais ainda hoje não glorificações de gerações passadas antes símbolos de opressão, desumanidade e sofrimento. No forte de Cacheu existem quatro estátuas de bronze, algumas cortadas ou mutiladas, que representam respetivamente Diogo Gomes, Nuno Tristão, Honório Pereira Barreto, Teixeira Pinto. Foram obras encomendadas pelo estado novo a vários escultores portugueses cuja adjudicação ganharam por concurso ou distinção. A sua localização original não era Cacheu. As de Diogo Gomes, Nuno Tristão e Honório Barreto estavam originalmente na capital, Bissau. A de Teixeira Pinto estava na vila que desde 1948 passou a ser designada igualmente de vila de Teixeira Pinto, em homenagem ao militar colonialista português João Teixeira Pinto, retornando ao nome original após a independência, que se mantém atualmente: Canchungo. As estátuas foram trazidas para Cacheu depois da independência. A Guiné-Bissau foi a primeira colónia a ver a sua independência reconhecida por Portugal, em setembro de 1974. Um ano antes o movimento de libertação já tinha declarado, unilateralmente, a independência do país⁷.

6 - Centro de arte moderna. 2018. A escultura no estado novo. Fundação Calouste Gulbenkian. Consultado a 29 de fevereiro de 2024. Disponível em <https://gulbenkian.pt/cam/novas-leituras-2/escultura-no-estado-novo/>

7 - Aranha, Ana. Ferreira, Iolanda. 2011. A vida dos sons. A independência da Guiné-Bissau. Podcatst. RTP ensina. Consultado a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/independencia-guine-bissau/>



Foto 11. Estátua do Navegador Português Diogo Gomes frente à Ponte Cais Pidjiguiti. 1969. Bissau. Postal Ilustrado, edição Foto Serra. In: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2006/11/guin-6374-p1310-postais-ilustrados-12.html>

Estátua de Diogo Gomes

Navegador português do século XV cujas datas de nascimento e morte se apontam entre 1402 e 1502 respetivamente (a Enciclopédia Britannica⁸ refere-se ao seu período de “florescimento” porventura entendendo-se de maior atividade entre 1440 e 1484). Diogo Gomes (também apontado “de Sintra”), é-nos referido como “foi

um dos navegadores da Casa do Infante D. Henrique e assume-se como um homem do Infante, contactando povos desconhecidos, encetando com eles relações diplomáticas e de comércio ao mesmo tempo que difunde a fé”⁹

Navegou em 1456 até à embocadura do rio Grande, canal do Geba. No regresso subiu o rio Gâmbia até Cantor, em busca de informações sobre o comércio do ouro e das vias

8 - <https://www.britannica.com/biography/Diogo-Gomes>

9- In: Instituto Camões. <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/d24.html>



Foto 12. Detalhe da frente da Estátua do Navegador Português Diogo Gomes junto à ponte-cais Pidjiguiti de Bissau. 1969. Foto obtida de: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2006/11/guin-6374-p1310-postais-ilustrados-12.html> O pedestal surge referenciado como projeto 527 em Milheiro, Ana. Dias, Eduardo. 2009. *Arquitectura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974)*. ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7029> mas sem assinatura. A estátua igualmente é desconhecida a sua autoria.

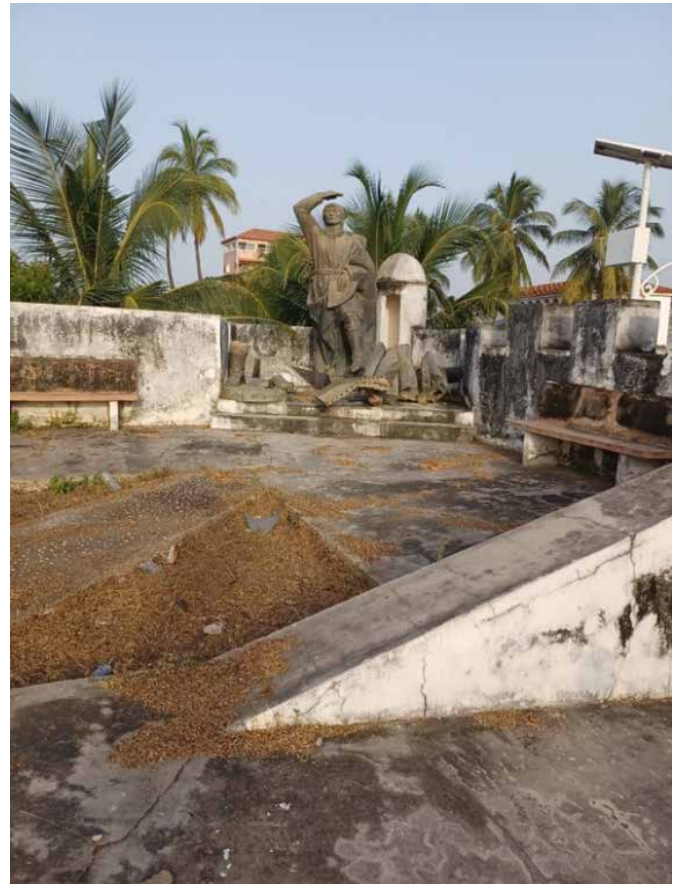


Foto 13. Estátua de Diogo Gomes ou Diogo Gomes de Sintra, bronze, eventualmente de 1958. Fortaleza de São José de Cacheu, Guiné-Bissau na atualidade.

que ligavam as regiões auríferas do Senegal, do Alto Níger e do entreposto comercial de Tombuctu às rotas saarianas que desembocavam no litoral marroquino. Durante esta

expedição, Diogo Gomes capitaneava uma esquadra de três navios. Possivelmente no regresso desta exploração tocou o arquipélago de Cabo Verde, cujo descobrimento reclama



Foto 14. Estátua de Nuno Tristão em Bissau. Série Postais Serra de Guiné-Bissau. 1960. Estátua de Nuno Tristão em postal “Serra” de 1960. Consultada a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://jenikirbyhistory.getarchive.net/media/dc-foto-serra-no-120-monumento-a-nuno-tristao-bissau-91f029>

para si ¹⁰

Nuno Tristão¹¹

Navegador português do século XV. Em 1441, ordenado pelo Infante D. Henrique que explorasse a costa africana, passou o Rio do Ouro e descobriu o Cabo Branco. Mais tarde, em 1443, descobriu as ilhas de Arguim e das Garças, e no ano seguinte, em terceira viagem de descoberta, atingiu a região senegalense. Em 1446, passou o Cabo Verde e atingiu

o Rio Gâmbia, junto de cuja foz foi morto em confrontos com indígenas.

A estátua foi elaborada pelo escultor António Duarte (1912 – 1998) que ganhou o concurso para o Monumento do 5º centenário a Nuno Tristão na Guiné-Bissau, projeto urbanístico elaborado com o Arqº. Alberto José Pessoa (Machado. 2015)

10 - Idem

11 - Porto Editora – Nuno Tristão na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-02-26 18:53:19]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$nuno-tristao](https://www.infopedia.pt/$nuno-tristao)



Foto 15. Estátua de Nuno Tristão atualmente no Forte de Cacheu.

No Blogue “Fora nada e vão três” de Luis Graça e camaradas, encontramos a descrição, por quem a viveu no local, deste monumento:

Esta artéria, a principal avenida de Bissau no nosso tempo,

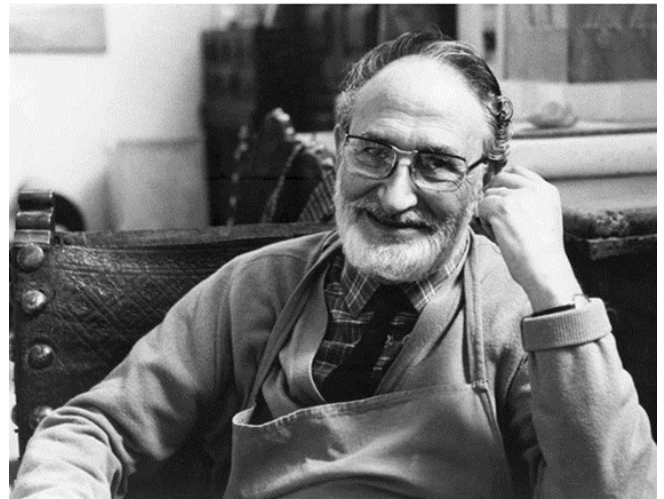


Foto 16. Escultor António Duarte (Caldas da Rainha, 31 de janeiro de 1912 – Lisboa, 2 de março de 1998) no Atelier-Oficina de Belém, 1983. Um dos escultores de maior relevo pertencente à segunda geração de artistas modernistas portugueses. Foto: Centro de Artes, Caldas da Rainha (Machado. 2015).

vinha da Praça do Império ao Cais do Pidjiguiti, tendo no final a estátua de Nuno Tristão; no sentido ascendente, ou seja, do Pidjiguiti para a Praça do Império, tinha à esquerda a Casa Gouveia [visível nesta foto, por detrás da estátua, e mais à frente, à direita, a Catedral). O Nuno Tristão, agora “apeado e desterrado” na vila de Cacheu, c. 2012. O navegador terá chegado a estas paragens por volta de 1446. A sua estátua foi erigida por ocasião do 5º centenário do desembarque do

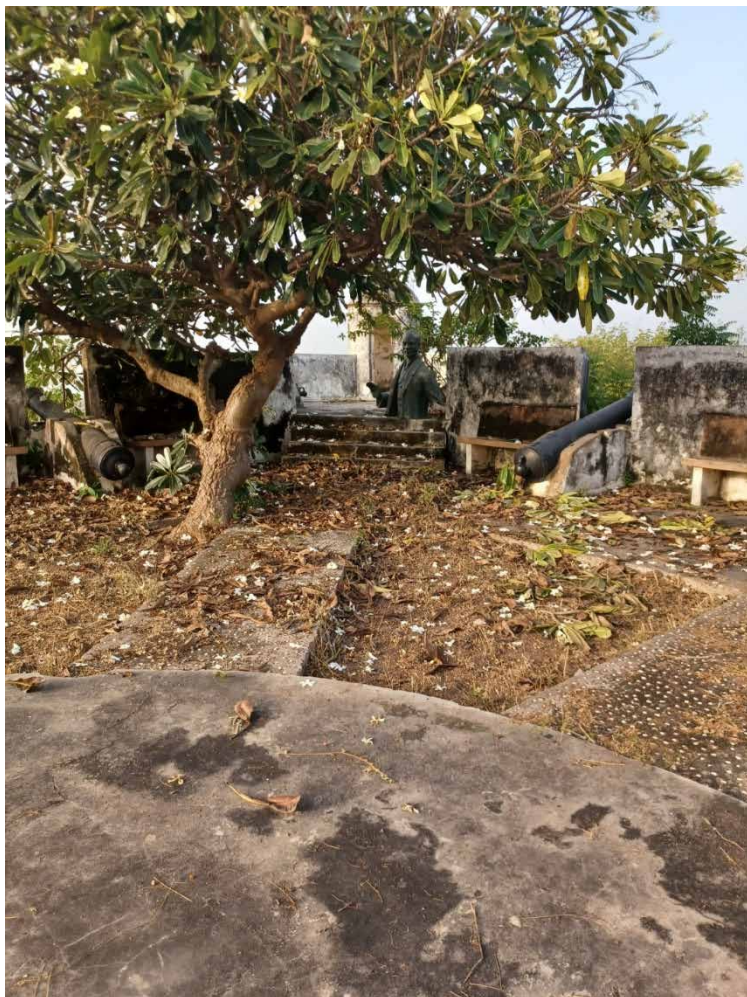


Foto 17. Ao fundo parte superior da estátua de Honório Barreto Bronze, 1958, da autoria da escultora Maria Barreira e seu marido, Vasco Pereira da Conceição adjudicação em concurso publico promovido pelo estado português. Carvalho, Maria Fernanda. 2000. Maria Barreira. Conversas com escultores. Faculdade de Belas Artes. Universidade de Lisboa. In: Arte teoria. - Lisboa, 2000. - Nº 11 (2008), p. 241-250. ISSN 1646-396X. <http://hdl.handle.net/10451/20583>

navegador em terras da Guiné.¹²

Honório Pereira Barreto¹³

Honório Pereira Barreto (Forte de Cacheu, Cacheu, Cacheu, 24 de abril de 1813 - Fortaleza de São José da Amura, Bissau, Bissau, 16/26 de Abril de 1859) foi um militar e administrador colonial português filho de pai cabo-verdiano

de mãe guineense. Manteve o controlo português da área e ainda estendeu a sua influência. Apesar de nativo, exerceu os mais altos cargos, desde Provedor de Cacheu a Governador da então Colónia. Considerado um *Valente governador colonial*, todavia também terá gerido um negócio de família com a sua mãe, onde os principais produtos mercantis eram

12 - Blogue "Fora nada e vão três" Consultado a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2014/12/guine-13997-caderno-de-poesias-poilao.html>

13 - Honório Pereira Barreto in RTP Arquivos. Consultado a 29 fevereiro de 2024. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/as-grandes-figuras-do-mundo-portugues-4/>



Foto 18. Parte da estátua de Honório Barreto no forte de Cacheu. Foto de Honório Barreto no forte de Cacheu. Consultado a 28 fevereiro de 2024. Disponível em: Foto: <https://www.arquipelagos.pt/imagem/honorio-barreto-bronze-de-1958-c-fortaleza-de-cacheu-guine-bissau/>

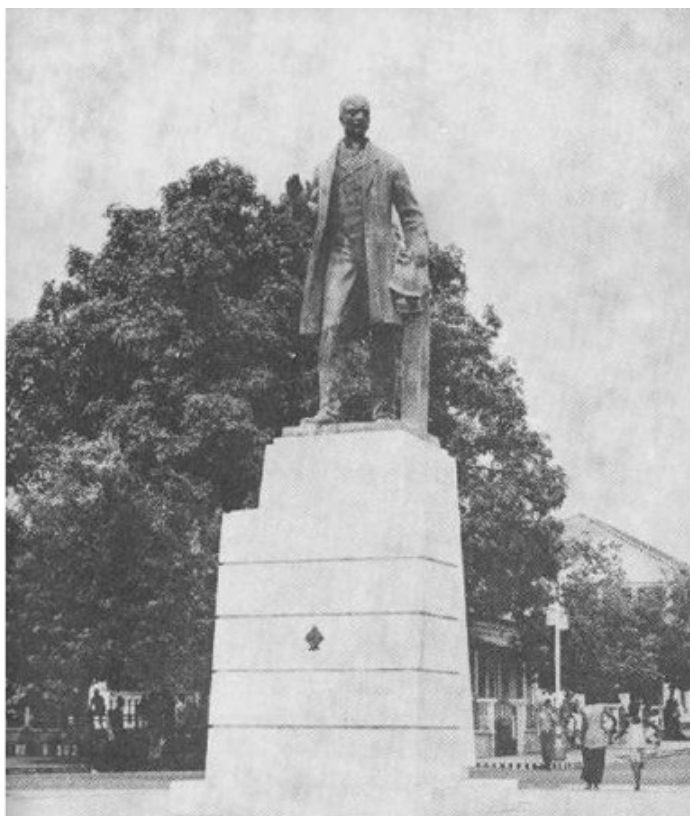


Foto 19. Fotografia da Estátua de Honório Barreto em Bissau na praça que na altura tinha o seu nome. Atualmente Praça Che Guevara. Foto de estátua de Honório Barreto in Blogue Fora nada e vão três. Consultado a 28 fevereiro de 2024. Disponível em: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2013/04/guine-6374-p11361-notas-de-leitura-471.html> , Praça Che Guevara. Bissau. Consultado a 27 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.google.pt/maps/place/Pra%C3%A7a+Che+Guevara,+Bissau,+Guin%C3%A9-Bissau/@11.8601112,-15.5860858,17z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0xee6c52812d75e3b:0xe8cbd3aceb40c6f2!8m2!3d11.8601138!4d-15.5834826!16s%2Fg%2F11bzbv5hwpb?entry=ttu>



Foto 20. Escultora Maria Barreira (Lisboa, 1914 – Lisboa, 2010) autora de “peças de formas graciosas e tranquilas que exprimem toda a sua sensibilidade” no seu atelier. Maria Barreira. In: Museu do Neorrealismo. Consultado a 29 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.museudoneorealismo.pt/pages/5484>. Maria Barreira. Foto: Carvalho. (2000, p.242)

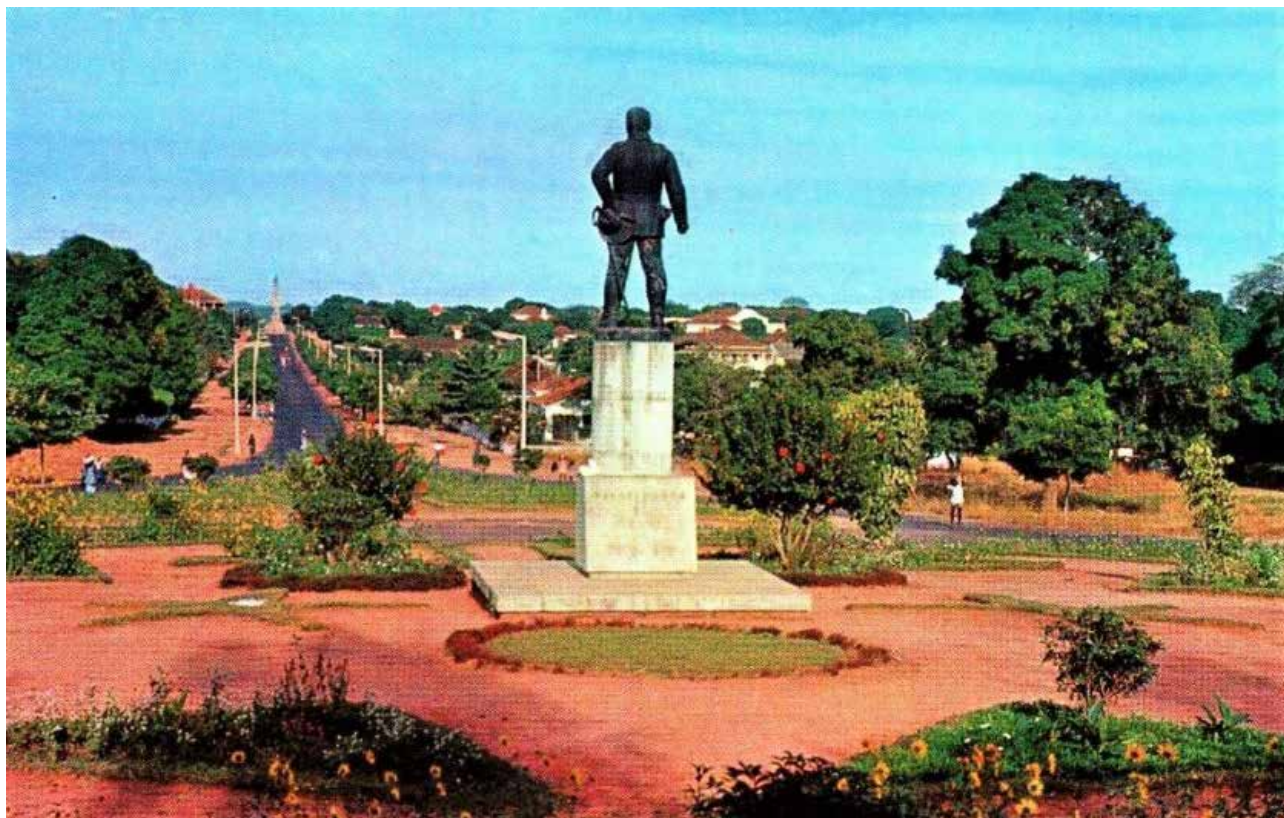


Foto 21. Estátua de João Teixeira Pinto na vila Teixeira Pinto atual Canchungo. Foto: Bilhete Postal, Coleção “Guiné Portuguesa, nº 112. (Edição Foto Serra, C.P. 239, Bissau. Impresso em Portugal, Imprimarte, SARL). In: Blogue Fora nada e vão três, consultado a 29 de fevereiro de 2024. Disponível em <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2021/01/guine-6174-p21738-o-nosso-blogue-como.html>

escravos¹⁴.

João Teixeira Pinto¹⁵

João Teixeira Pinto (Moçâmedes, Angola, 22 de março de 1876 – Negomano, Moçambique, 25 de novembro de 1917). Foi um militar colonial, tendo atingido o posto de Major de Infantaria do Exército português. Incorporou em 1897 a Escola do Exército (nº 68 do Corpo de Alunos) unidade: Companhias Indígenas de Infantaria Expedicionárias. Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito, Medalha de Prata Rainha D. Amélia

com legenda “Cuamato 1907”, Medalha de Ouro de Serviços Distintos. Combateu na Guiné, em Angola e em Moçambique, participando nas chamadas “campanhas de pacificação”. A força portuguesa instalada defensivamente no vale do rio Ludjenda (Negomano) foi surpreendida por um ataque da guerrilha alemã pelas 10 horas da manhã de 25 de novembro. Ferido inicialmente num braço foi mais tarde, durante as pilhagens alemãs, encontrado cadáver com um tiro na cabeça. A estátua de João Teixeira Pinto na vila que foi batizada com o seu nome em Guiné-Bissau, antes ainda

14 - Em casa comum. Fundação Mário Soares. Consultado a 29 de fevereiro de 2024. Disponível em: http://www.casacomum.org/cc/dossiers/memorial/img/paineis/07_02.jpg

15 - João Teixeira Pinto in: Academia Militar. Consultado a 29 fevereiro de 2024. Disponível em: <https://academiamilitar.pt/joao-teixeira-pinto.html>

mantinha o nome de Canchungo. Por portaria de 18 de Julho de 1948 passou a ser designada de vila de Teixeira Pinto, em homenagem ao militar colonialista português retornando ao nome original após a independência.

Pinto, Ana e Tapadas, Sandra. No seu artigo de 2022, *Do gesto como retrato: o caso da estatuária pública por Euclides Vaz*. In: *O Retrato. Teoria, prática e ficção. De Francisco de Holanda a Susan Sontag*, analisam o trabalho do escultor justamente através desta e outras estátuas de sua autoria. José-Augusto França considera-o de um “Academismo modernizado” (França. 2009, p.191).



Foto 22. Vista frontal da estátua de Teixeira Pinto. ¹⁶



Foto23. Forte de Cacheu. Estátua de Teixeira Pinto ao fundo, na atualidade.

16 - Foto Teixeira Pinto em Blogue Fora nada e vão três, consultado a 29 de fevereiro de 2024. Disponível em <https://blogueforanadaevaores.blogspot.com/2021/01/guine-6174-p21738-o-nosso-blogue-como.html>

Conclusão

Se na Guiné-Bissau existem os que pretendem apagar essa memória também há quem considere que, pelo contrário, ela deveria ser preservada. Disso mesmo dá nota a agência LUSA¹⁸ numa entrevista em 25 de novembro de 2015 a um conhecido chefe tradicional da região de Cacheu:

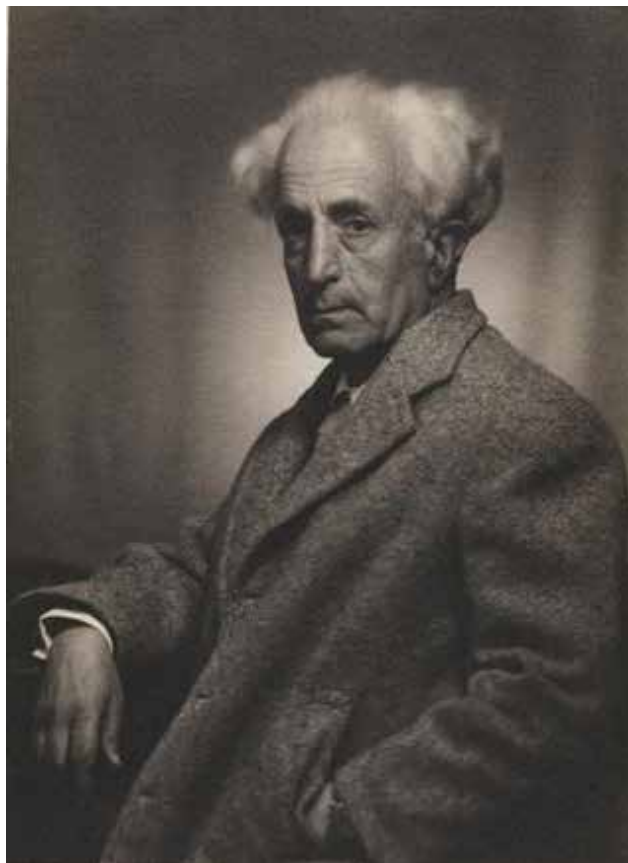


Foto 24. Escultor Euclides Vaz (Ílhavo, 10 de novembro de 1916 - Banzão (Colares), 10 de fevereiro de 1991)¹⁷

Lúcio Rodrigues, um conhecido chefe tradicional da região de Cacheu, norte da Guiné-Bissau está contra a “tentativa de apagar da história” do país a presença da colonização portuguesa que diz ser “mais que evidente”. Antigo deputado ao Parlamento e agora régulo (chefe tradicional), Lúcio Rodrigues disse à Lusa que não entende como é que na Guiné-Bissau “as estátuas de figuras da colonização são atiradas ao esquecimento”, quando nos outros países são preservadas, referiu. Estátuas de figuras como Diogo Cão, Nuno Tristão, Teixeira Pinto, Honório Barreto, entre outras, estão amontoadas no pátio do antigo forte de Cacheu depois de terem sido arrancadas de diferentes lugares do novo Estado independente em 1973. O processo até à independência passou pela colonização, pelo comércio dos escravos. Faz parte da nossa história. É esta ignorância total que impera nas nossas cabeças que têm que ser lavadas”, observou o régulo Rodrigues. Defende ainda que aos alunos deve ser ensinada essa parte da história do país, para que possam saber, por exemplo, que Nuno Tristão foi morto no rio Cacheu, pelos felupes, um dos grupos étnicos da Guiné-Bissau.

No ocidente e em concreto em Portugal quando o tema abordado é africa e os descobrimentos, a ideia romantizada que perdura, na memória coletiva, é sempre invariavelmente a da coragem, grandeza, a exploração do desconhecido, o sofrimento e ansiedade dos valorosos navegadores, que cruzavam destemidos e afoitos os mares *nunca dantes navegados*. A cultura popular, também por vezes, manipulada ou de forma menos intencional, e numa inércia que se estabelece por si mesma, encarregou-se de retransmitir

17 - Foto: Retrato de Euclides Vaz - San Payo (Arquivo de Documentação Fotográfica, DGPC).png

Criação: 1950. Carregamento: 18 de junho de 2023. Consultado a 24 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Euclides_Vaz

18 - Notícias SAPO. Consultado a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em https://www.sapo.pt/noticias/atualidade/chefe-tradicional-da-guine-bissau-contras_5659f8405d8652103355dd2b

esta ideia ao longo de séculos. Veja-se o caso ainda hoje na música, por exemplo onde Fausto¹⁹, Vitorino Salomé²⁰ e até Madreus²¹ são exemplos dessa exaltação melancólica pelo mar e pelo navegar do desconhecido, induzida pelo tema dos descobrimentos. No entanto as descobertas marítimas são também, e talvez sobretudo, feridas profundas que ainda hoje atormentam e destroem povos e países. Histórias de sofrimento indizível perpetrado em seres humanos pelas mãos de seus semelhantes. Onde a cobiça, a ganância o abuso e o crime eram a realidade diária não só sobre gerações de homens, mas também e sobretudo sobre gerações de milhões de mulheres e crianças. A relutância, dir-se-ia, dos próprios dignatários do estado da Guiné-Bissau que ainda atualmente não assumem claramente as desterradas estátuas de Cacheu senão como umas “em exposição aguardando por um museu” mostra que é um assunto complexo que provoca ainda também uma dor profunda e não totalmente apaziguada por aqueles que sofreram com a colonização. Sobretudo uma que parece não ter ainda compreensão ou sequer a noção de sua existência também por parte da descendência daqueles que eventualmente a originaram.

Agradecimento:

A visita de estudo que originou este artigo foi tornada possível por ter sido inserida no Projeto: Empoderamento das Mulheres pela Arte da Estatuária Urbana em África. 2023. Projeto internacional da linha Cultura e Património da Associação e do Instituto Marquês de Valle Flor (AMVF/IMVF) promovido pela Professora Doutora Maria Clotilde Almeida, coordenadora do projeto, que foi financiado pelo Instituto Camões da Língua e cooperação e apoiado institucionalmente pela Cátedra Unesco de património imaterial e saber fazer tradicional: unindo patrimónios, da Universidade de Évora.

Este trabalho de investigação insere-se na tese de história de arte em desenvolvimento pelo autor intitulada *O artesanato*

como processo criativo: o exemplo da barrística. Contributo para uma reflexão sobre a criatividade.

Livro do projeto disponível em papel na Amazon: <https://a.co/d/5LaeULE>

Em PDF no repositório da Universidade de Évora :<http://hdl.handle.net/10174/36845>

Filmes: S. Tomé e Príncipe: https://youtu.be/KADot7_MZ8g; Guiné-Bissau: https://youtu.be/kTYd7f4r_pY; Cabo Verde: https://youtu.be/UcsR2c_r33Q

Referências:

Alfert, M. (1972). Relationships between African Tribal Art and Modern Western Art. *Art Journal*, 31(4), 387–396. <https://doi.org/10.2307/775542>

Anyanwe, K. (1976). *The Idea of Arts in Africa*. Washington D.C. University Press.

Aranha, Ana. Ferreira, Iolanda. 2011. A vida dos sons. A independência da Guiné-Bissau. Podcatst. RTP ensina. Consultado a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/independencia-guine-bissau/>

Arnold D. E. 1985. *Ceramic Theory and Cultural Process*. Cambridge University Press. Cambridge

Bayan, Lúcia. 2015. Régulo e Comité: Acertos e divergências na Secção de Suzana, *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 30 | 2015, posto online no dia 14 dezembro 2015, consultado 19 fevereiro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/cea/1869>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cea.1869>

Carvalho, Maria Fernanda. *Maria Barreira. Conversas com escultores*. 2000. Faculdade de Belas Artes. Universidade de Lisboa. In: *Arte teoria*. - Lisboa, 2000. - Nº 11 (2008), p. 241-250. ISSN 1646-396X. <http://hdl.handle.net/10451/20583>

Catálogo. 2016. *Memorial da escravatura e do tráfico negreiro*. Cacheu. Guiné-Bissau. CPLP. Edição Acção para o desenvolvimento. Consultado a 15 fevereiro de 2024. Di-

19 - Fausto. Por este rio acima. Consultado a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em <https://www.bing.com/videos/search?q=fausto%20por%20este%20rio%20acima%20videos&FORM=VIRE0&mid=2BF015853D9C28FCDE5E2BF015853D9C28FC-DE5E&view=detail&ru=%2Fsearch%3Fq%3Dfausto%20por%20este%20rio%20acima>

20 - Vitorino Salomé. Queda do Império. Consultado a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V2DsabWSiOU>

21 - Madreus. Ao longe o mar. Consultado a 28 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sCQpvcvSF24>

Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/615877224/Catalogo-Memorial-Escravatura>

Centro de arte moderna. 2018. A escultura no estado novo. Fundação Calouste Gulbenkian. Consultado a 29 de fevereiro de 2024. Disponível em <https://gulbenkian.pt/cam/novas-leituras-2/escultura-no-estado-novo/>

Clarke, M. 2010. The concise Oxford dictionary of Art Terms. Second Edition. Oxford University Press.

CORREIA, Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos. 2016. Monumentos, Território e Identidade no Estado Novo : da definição de um projecto à memorização de um legado. Coimbra : [s.n.], Tese de doutoramento. Disponível na WWW: <http://hdl.handle.net/10316/28997>

Elias, Catarina. 2007. Arte Pública e Instituições do Estado Novo. Arte Pública das Administrações Central e Local do Estado Novo em Lisboa: Sistemas de encomenda da CML e do MOPC/MOP (1938-1960). Tese de doutoramento. Universitat de Barcelona. <http://hdl.handle.net/2445/35438>

Enamhe, B. 2014. Conceptual Styles in African Art. Creative and Media Arts. A Practical Sourcebook. Sprinted International Company, Calabar; Lagos. P.427- 441

França, José-Augusto. 2009. A arte em Portugal do século XX (1911-1961). 4ª edição. Livros Horizonte, Lda. ISBN 978-972-24-1583-5

Hughes Elena. 2013. Carl Einstein. Por uma outra leitura da forma. Tese doutoramento. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Consultado a 4 out 2023. Disponível em https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/teses-abertas/0912290_2013_pretextual.pdf

Machado, Paula. 2015. António Duarte. Comissão Municipal de Toponímia. Brochura. Câmara Municipal de Lisboa. Depósito Legal 395497/15. Consultado a 27 de fevereiro de 2024. Disponível em: [\[GVyaW9kaWNhcz90eF9hbWVvc2ZpbGVtYW5hZ2VyJT-VCYWN0aW9uJTVEPWRvd25sb2FkbnR4X2FtZW9zZm-IsZW1hbmFnZXIINUJjb250cm9sbGVyJTVEPUV4cGxvc-mVyJTVDmIsZSZ0eF9hbWVvc2ZpbGVtYW5hZ2VyJT-VCZmlsZSU1RD04OTkyODImY0hhc2g9Zml2MmEzMDN-jZmE0YmYyOTI4YTk3ZDY0NTUyMDBjMDE&ntb=1\]\(https://www.bing.com/ck/a?!&p=9c3a67052131ae4cJmItdHM9MTcwOD-k5MjAwMCZpZ3VpZD0xNDdjNzIyNy05MTEzLTZkZWUtdMzk2NS02MDQ2OTA3NDZjYtQmaW-5zaWQ9NTIzOQ&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=-147c7227-9113-6dee-3965-604690746ca4&psq=escultor+antonio+duarte+comiss%c3%a3o+municipal+toponimia&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cubGIZYm-9hLnB0L2F0dWFsaWRhZGUvcHVibGljYWNVzXMTc-\)](https://www.bing.com/ck/a?!&p=9c3a67052131ae4cJmItdHM9MTcwOD-k5MjAwMCZpZ3VpZD0xNDdjNzIyNy05MTEzLTZkZWUtdMzk2NS02MDQ2OTA3NDZjYtQmaW-5zaWQ9NTIzOQ&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=-147c7227-9113-6dee-3965-604690746ca4&psq=escultor+antonio+duarte+comiss%c3%a3o+municipal+toponimia&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cubGIZYm-9hLnB0L2F0dWFsaWRhZGUvcHVibGljYWNVzXMTc-</p>
</div>
<div data-bbox=)

Milheiro, Ana. Dias, Eduardo. 2009. Arquitectura em Bis-sau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974). ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/7029> mas sem assinatura. A estátua igualmente é desconhecida a sua autoria.

Milheiro, A. 2014. Praças do Império no espaço colonial português durante o Estado Novo. ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/13579>

Morais, Maria da Graça David de. 2002. CAUSAS DE MORTE NO SÉCULO XX. Transição e Estruturas da Mortalidade em Portugal Continental. Biblioteca - Estudos & Colóquios. Publicações do Cidehus. Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. DOI : 10.4000/books.cidehus.3599

Murdock. 1967. Ethnographic Atlas an anthropological database. University of Pittsburgh Press

Odum, Freedom. Bassey, Blessing. Enamhe, Bojor. 2023. African Art, Picasso and the Emergence of Modern Art. Journal of Ceramics and Environmental Design. JOCED Vol. 10, No.1, March, 2023.Pp. 49- 58. ISSN: 2505-0095. Consultado a 4 de out 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373138255_African_Art_Picasso_and_the_Emergence_of_Modern_Art

PAIGC. 1974. História. A Guiné e as ilhas de Cabo Verde. Paul Dupont. Paris.

Peter, S. (1981). "Art in Our Time: A Pictorial History 1890-1980". University of California, Berkeley.

Pinto, Ana. Tapadas, Sandra. 2022. Do gesto como retrato: o caso da estatuária pública por Euclides Vaz. In: O Retrato. Teoria, prática e ficção. De Francisco de Holanda a Susan Sontag. Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. Pp 52-65. Consultado a 29 de fevereiro de 2024. Disponível em: Do gesto como retrato: o caso da estatuária pública por Euclides Vaz